

## **A LINGUAGEM DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA SUBJETIVIDADE BENVENISTIANA**

GABRIEL MEDRONHA COUTO<sup>1</sup>; DAIANE NEUMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – gabemedronha@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com 2

### **1. INTRODUÇÃO**

Há diversos temas que, certamente, chamam a atenção pelo nível de presença na atualidade, seja pela curiosidade de conhecimento, seja pela relevância social ou seja pela possibilidade de resolver problemas cotidianos. O desenvolvimento da tecnologia da informação entra em um aspecto que engloba todas essas características, pois, desde a década de 1940, com a criação do primeiro computador, boa parte das pesquisas e desenvolvimentos científicos inclinaram-se para melhorias e evoluções nesse aspecto da tecnologia, o que, sem dúvidas, transformou a relação entre homem - informação - comunicação.

Todo esse processo de evolução foi mediado, de certa forma, pela linguagem, seja ela a linguagem algorítmica, como descrição dos procedimentos, a linguagem computacional, como conjunto de regras para as máquinas realizarem suas tarefas, até as linguagens de dados, para manipular dados.

Hoje, com o patamar a que essa evolução chegou, temos um grande desenvolvimento de processos da Inteligência Artificial, que, segundo SICHMAN (2021, p. 38), utiliza recursos para realizar tarefas que no momento são realizadas prioritariamente por seres humanos. Com isso, não há como negar que a Inteligência Artificial é uma tecnologia revolucionária que possui impacto em diversas áreas de conhecimento da sociedade, tornando-se parte do cotidiano de diversas pessoas. Para justificar seu uso, têm-se realizado muitas comparações entre as capacidades da Inteligência Artificial e da linguagem humana. É nesse aspecto que entra o propósito deste trabalho, para discutir os pontos da linguagem perante essas duas realidades, visto que, segundo BENVENISTE, (1989, p. 222) “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.”. Logo, advém o questionamento: se a linguagem serve para viver, como se pode compreender o comportamento da IA perante esse fenômeno?

Portanto, este trabalho tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Seminário de Pesquisa I do curso de Letras – Português, o qual, posteriormente, será desenvolvido como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na forma de artigo científico. O estudo busca compreender a relação entre os aspectos da linguagem humana e da Inteligência Artificial através da perspectiva enunciativa formulada por Benveniste, para identificar se e como as marcas de subjetividade se encontram, de alguma forma, na Inteligência Artificial.

Partindo desse exposto, quando se fala em linguagem, comumente ela é entendida apenas como um instrumento que permite a comunicação entre pessoas, e é dividida entre dois principais tipos, a falada e a escrita. Ao retornarmos ao estudo da linguagem, é possível encontrar, de fato, registros da criação da escrita. Porém, é possível fazer esse percurso histórico completo com a fala? E se não, como fica a definição de linguagem se não é possível identificá-la como um instrumento criado?

Ao compreender a linguagem apenas como comunicação, é dada a esse fenômeno uma atribuição instrumentalista, na qual a sua função se limita apenas a uma troca esquematizada de informação, a uma forma verbal ou escrita. Porém, essa definição de linguagem parece não ser completamente satisfatória, dado que esse objeto se apresenta de uma forma tão viva e própria dos homens, portanto, repleto de subjetividade.

Diante do exposto, BENVENISTE (2020[1958]) entende que, sim, a linguagem comunica, entretanto, não se limita a essa definição, vai além ao compreender também que a linguagem significa. Logo, a compreensão da linguagem como um instrumento é simplista e coloca em oposição o homem e a natureza, visto que, segundo BENVENISTE, em *Comunicação animal e linguagem humana* (2020[1952]), o humano possui uma necessidade natural de simbolização de experiências. Dessa forma, o diálogo e a significação singular de experiências são o que constituem o próprio da linguagem humana.

Indo além, mas ainda conforme BENVENISTE, em *Semiologia da língua* (1989[1969]), a língua é o sistema semiológico mais eficiente para a simbolização de experiências, pois a partir de um número finito de unidades, é possível o infinito de significações através do discurso. Logo, a linguagem não poderia ser instrumento, pois não fora fabricada pelo homem:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...]. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 2020 [1958], p. 282).

Portanto, segundo SILVA e FLORES (2015, p. 142), a linguagem para Benveniste é essa necessidade natural de simbolização que, além de comunicar, compreende também a condição de existência do *eu* através da possibilidade de se propor como sujeito ao se apropriar do sistema da língua para se constituir na/pela linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser [...]” (BENVENISTE, 2020 [1958], p. 282). Essa é a chamada subjetividade tratada por Benveniste, em que o *eu* passa a existir como sujeito diante de um *tu*. Há, também, a intersubjetividade, condição para subjetividade, que ocorre a partir da reversibilidade na linguagem, segundo a qual há a possibilidade do *tu* tornar-se o *eu* da locução

## 2. METODOLOGIA

Considerando a temática da subjetividade na/pela linguagem proposta por Benveniste, em que o *eu* se propõe como sujeito diante da existência de um *tu*. esta pesquisa, então, escolheu como objeto de estudo as formulações realizadas pelo linguista sírio-francês em sua teoria geral da linguagem para dialogar com o comportamento da Inteligência Artificial diante desse fenômeno.

Portanto, este trabalho fundamenta-se nos textos de Émile Benveniste, dentre eles: “Comunicação animal e linguagem humana” (1952), “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Os níveis da análise linguística” (1962), “A linguagem e a experiência humana” (1965), “A forma e o

sentido na linguagem” (1966), “Semiologia da Língua” (1969), “O aparelho formal da enunciação” (1970). Além disso, fundamenta-se, também, em trabalhos relacionados à teoria da enunciação benvenistiana, tanto no que tange a leituras da obra, quanto a discussões envolvendo a IA, como o trabalho “As máquinas e a língua: um debate entre a Inteligência Artificial de Turing e a Enunciação de Benveniste”, de Alexandre Lunardi Testa. Junto a isso, será realizada uma pesquisa a respeito de Inteligência Artificial para compreender a produção dos textos por IA, bem como o estado da arte das pesquisas em torno dessa tecnologia.

Com isso, será realizada, a partir do referencial teórico, uma discussão sobre os paralelos encontrados entre a linguagem humana e a linguagem presente em textos produzidos pela IA, para identificar, então, se e como as marcas de subjetividade se encontram na linguagem da Inteligência Artificial.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em conta que o estudo encontra-se em fase inicial, até este momento do trabalho, foi realizada a leitura de alguns textos mencionados na metodologia e de artigos que colocam em diálogo a inteligência artificial com a inteligência humana para a construção do projeto.

Conforme SCHIMAN (2021), a IA se caracteriza por ser uma coleção de tecnologias, modelos e técnicas que resolvem problemas enfrentados pelos humanos. Nesse sentido, há o campo do Processamento de Linguagem Natural, que é um campo de pesquisa que tem como objetivo investigar e propor métodos e sistemas de processamento computacional da linguagem humana para resolver soluções que requerem o tratamento computacional de uma língua, e que, para isso, dividem-se em duas partes, a de interpretação de Linguagem Natural e da Geração de Linguagem Natural (CASELI, NUNES e PAGANO, 2024, p.10), como o próprio Chat GPT funciona: analisa e compreende o que o usuário digita e gera uma resposta.

Entretanto, as autoras relembram que todas as estratégias automáticas feitas por cálculos para o processamento da língua têm limitações e que a maioria delas processa caracteres e não unidades linguísticas, além de que a linguagem natural é muito mais complexa de se aprender e compreender do que as estratégias usadas pela PLN (CASELI, NUNES e PAGANO, 2024).

Contudo, TESTA e TOLDO (2023) compreendem que as máquinas podem sim aplicar uma calculabilidade às línguas naturais, mas ficam restritas somente em aspectos formais que corroboram com uma visão mecânica da língua, pois esses cálculos são feitos de regras e enunciados já proferidos. Nesse aspecto, a linguagem não pode ser entendida como instrumento, pois é inerente ao homem, está em sua natureza. Ela se manifesta no aqui e no agora de uma enunciação, repleta de subjetividade, o que dificulta sua calculabilidade como um todo.

Em *Comunicação animal e linguagem humana* (2020[1952]), BENVENISTE trata de alguns princípios comunicativos entre espécies animais que podem ser aproximados para os princípios das máquinas. Para o linguista, que investigou a comunicação entre abelhas com base em estudos do zoólogo Karl von Frisch, fica claro que as abelhas podem se comunicar, mas não necessariamente há linguagem presente, pois há apenas gestos formalizados, uma significação que segue um padrão, mas que só funciona dentro da comunidade de abelhas, o que torna sua comunicação apenas em aspectos objetivos, e fazendo um paralelo com a IA:

Há aspectos da linguagem que não são acessados a partir dessa comunicação objetiva. A estrutura da língua possibilita ir além, as máquinas,

diferentemente dos animais, podem acoplar em seu uso a língua humana, mas apenas em um formato definido, já moldado, concatenado, formalizado, inclusive em significado. O significante e o significado, nesse caso, precisam ser estanques para um tratamento mais preciso da língua através de relações probabilísticas, e isso impede que a máquina seja um enunciador/usuário da língua/um falante. (TESTA e TOLDO, 2023, p. 73).

Portanto, conforme o exposto, é possível perceber que as máquinas não constituem o *sentido* em um aspecto semântico da língua, apenas na manipulação da forma para reproduzir enunciados que já foram proferidos anteriormente (TESTA e TOLDO, 2023, p. 75), ou seja, não produzem enunciados, e se não são enunciadore, como se estabelecem as marcas de subjetividade em sua linguagem?

#### 4. CONCLUSÕES

Ainda que a pesquisa esteja em fase inicial, conclui-se que a teoria da enunciação benvenistiana é de grande valia para pensar sobre o fenômeno da linguagem da inteligência artificial e encontrar paralelos com a linguagem humana, visto que possibilita um olhar sensível sobre a linguagem como inerente ao homem.

Ademais, percebe-se a inteligência artificial como manipuladora da língua para cumprir o seu propósito, não excluimos sua possibilidade de comunicação. Entretanto, parece não atingir todos os aspectos da linguagem, principalmente no que diz respeito à subjetividade na linguagem e à manipulação simbólica acerca do significado em uma perspectiva semântica.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I** [1966]. Tradução de Glória Navak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães [et al.]; revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

CASELI, H. M.; NUNES, M. G. V.; PAGANO, A. O que é PLN? [2023]. In: CASELI, H. M.; NUNES, M. G. V.; PAGANO, A. (org.). **Processamento de Linguagem Natural: Conceitos, Técnicas e Aplicações em Português**. 3 ed. BPLN, 2024

SICHMAN, J. S. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 37–50, abr. 2021.

SILVA, C. L. C.; FLORES, V. N. A significação e a presença da criança na linguagem (La signification et la présence de l'enfant dans le langage). In: **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-149, 2015.

TESTA, A. L. **As máquinas e a língua : um debate entre a Inteligência Artificial de Turing e a Enunciação de Benveniste**. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo.

TESTA, Alexandre Lunardi; TOLDO, Claudia. **Linguagem humana e "linguagem" artificial: uma discussão necessária**. Letras, [S. l.], p. 67–81, 2023.